

# Para um ensino dinâmico do grego

## Algumas técnicas de motivação e aprendizagem

*Manuel Alexandre Júnior\**

Razões não nos faltam para motivarmos os nossos alunos ao estudo do Grego e os estimularmos a uma aprendizagem sólida dos seus fundamentos. O mais difícil será talvez desenvolvermos uma metodologia válida de ensino, e a adequarmos com eficácia a cada situação concreta.

Vale, porém, a pena investir a fundo numa estratégia de validação metodológica permanentemente renovada. Estratégia que de modo nenhum frustre os que fizeram esta opção cultural, antes os encorage a serem de tal modo produtivos que bem cedo ousem começar a ler um texto em Grego.

Se, por um lado, sabemos como classicistas quanto o estudo desta língua contribui para a formação holística da pessoa humana e para a sua armadura cultural de base, mas por outro experimentámos na carne as dificuldades que resultam da sua complexidade gramatical e vocabular, não podemos deixar de nos sentir motivados pelo desafio empolgante de promover a eficácia do seu ensino e dulcificar a dinâmica da sua aprendizagem.

Terei, entretanto, de confessar que os argumentos a favor de um "método directo" de aprendizagem nunca me convenceram. Se é verdade que uma criança aprende a sua língua materna de forma natural e sem esforço visível, não é menos verdade que nenhuma criança consegue falar fluentemente antes da adolescência, mesmo a ouvi-la todo o dia. Ora, nenhum de nós tem alguma vez condições de gastar dez ou doze anos no estudo do grego ou do latim, em contacto permanente com a língua. Nem mesmo isso é necessário, pois que o adulto tem recursos de raciocínio e articulação mental bem capazes de reduzir significativamente o tempo necessário à aprendizagem dos fundamentais princípios e estruturas gramaticais que governam a língua.

A minha experiência docente tem-me ensinado, com o tempo, a valorizar cada vez mais algumas técnicas simples de motivação e aprendizagem. Técnicas que têm sobretudo a ver com a atenção a dar à anatomia das palavras, à arquitetura das frases, ao sentido das expressões, à importância do contexto e à memorização do vocabulário. Estratégias metodológicas bem simples, mas de resultados gratificantes. São essas as técnicas que, plasmadas pela experiência, eu passo a partilhar.

---

\* Professor da Faculdade de Letras de Lisboa

## I – Especial atenção à estrutura da língua

Ao contrário do que se poderá pensar, o primeiro requisito para a compreensão de uma língua é o conhecimento do seu sistema gramatical, é a fácil identificação das suas estruturas morfológicas e sintáticas, e respectivos sinais de estrutura<sup>(1)</sup>.

De facto, se é possível perspectivar o sentido de um texto, antes mesmo de reconhecer o significado das palavras de conteúdo lexical, não o será, por certo, se ignorarmos os elementos que determinam a sua estrutura. Só no conjunto integrado da frase, só no seu enquadramento sintáctico activado por esses sinais, é que as palavras de conteúdo semântico farão realmente sentido.

Ao lermos um texto noutra língua, podemos tirar dele o sentido mesmo sem conhecermos todo o vocabulário. Basta que demos especial atenção aos seus sinais de estrutura. Sem estes é que não conseguiremos compreendê-lo. Por exemplo, a frase "ele era um \_\_\_\_\_ de grande sabedoria" faz algum sentido, mesmo que nos escape a palavra "filósofo". Mas o leitor pouco poderá fazer com a frase, "um filósofo de Sócrates grande era sabedoria", simplesmente porque os sinais de estrutura estão baralhados.

Ora, se o que se pretende com o estudo do grego é mais a compreensão prática da língua do que o domínio puramente técnico da gramática ou do vocabulário, então toda a aprendizagem deverá ter lugar em função de um texto, e o que neste primeiramente se busca são os sinais de estrutura.

Suponha-se que desejamos ler o seguinte texto de Apolodoro, mas não conhecemos o significado de um bom número de palavras.

Προμηθεὺς δὲ ἐξ ὕδατος καὶ γῆς ἀνθρώπους πλάσας  
ἔδωκεν αὐτοῖς καὶ πῦρ, λάθρα Διὸς ἐν νάρθηκι  
κρύψας. ὡς δὲ ἦσθετο Ζεὺς, ἐπέταξεν Ἡφαίστῳ  
τῷ Καυκάσῳ ὄρει τὸ σῶμα αὐτοῦ προσηλώσει· τοῦτο  
δὲ Σκυθικὸν ὄρος ἐστίν. ἐν δὴ τούτῳ προσηλωθεὶς  
Προμηθεὺς πολλῶν ἐτῶν ἀριθμὸν ἔδεδετο·  
καθ' ἐκάστην δὲ ἡμέραν ἀετὸς ἐφιπτάμενος αὐτῷ  
τοῖς λοβοῦς ἐνέμετο τοῦ ἥπατος αὐξανομένου διὰ  
νυκτός. καὶ Προμηθεὺς μὲν πυρὸς κλαπέντος δίκην  
ἔτινε ταύτην, μέχρις Ἡρακλῆς αὐτὸν ὕστερον ἔλυσεν,  
ὡς ἐν τοῖς καθ' Ἡρακλέα δηλώσομεν.<sup>2</sup>

Ou então, que lhe foram retirados cerca de vinte vocábulos de conteúdo lexical:

Προμηθεὺς δὲ ἐξ \_\_\_\_\_ καὶ γῆς \_\_\_\_\_ πλάσας  
 ἔδωκεν αὐτοῖς καὶ \_\_\_\_\_, λίθρα Διὸς ἐν \_\_\_\_\_  
 κρύψας. ὡς δὲ \_\_\_\_\_ Ζεὺς, \_\_\_\_\_ Ἡφαίστω  
 τῷ Καυκάσῳ \_\_\_\_\_ τὸ σῶμα αὐτοῦ \_\_\_\_\_ τοῦτο  
 δὲ Σκυθικὸν \_\_\_\_\_ ἐστίν. ἐν δὴ τούτῳ \_\_\_\_\_  
 Προμηθεὺς \_\_\_\_\_ ἐτῶν \_\_\_\_\_ ἐδέδετο·  
 καθ' ἑκάστην δὲ \_\_\_\_\_ ἀετὸς \_\_\_\_\_ αὐτῷ  
 τοῖς \_\_\_\_\_ ἐνέμετο τοῦ ἥπατος \_\_\_\_\_ διὰ  
 νυκτὸς. καὶ Προμηθεὺς μὲν πυρὸς \_\_\_\_\_ δίκην  
 \_\_\_\_\_ ταύτην, μέχρις Ἡρακλῆς αὐτὸν ὕστερον \_\_\_\_\_,  
 ὡς ἐν τοῖς καθ' \_\_\_\_\_ δηλώσομεν.

Embora nos escape o sentido, mesmo assim é possível captar do texto alguma informação útil e discernir claramente a estrutura das suas frases. Mas, se retirarmos todo o vocabulário de conteúdo lexical e agora lhe retirarmos o mesmo número de sinais de estrutura (ὡς, ἐν, καθ, desinências nominais e verbais, aumento, etc.), então a sua compreensão torna-se bem mais difícil.

Com efeito, se é verdade que nos podemos defender numa língua com um vocabulário limitado, não nos parece tão verdade que o consigamos sem o conhecimento explícito dos seus elementos de estrutura. O primeiro passo para a compreensão de um texto é, sem dúvida, interpretar a textura do seu sistema gramatical, isto é, atentar para os seus elementos de estrutura como uma constelação de sinais que apontam para uma estrutura gramatical homogênea, ou para um conjunto de estruturas em distinção de outras.

Daí, a necessidade de se lhes dar uma particular atenção, sobretudo na primeira fase de aprendizagem da língua. E porquê? Simplemente porque, na arquitectura da frase grega, o sentido linguístico total de uma expressão é o resultado da soma do sentido lexical das palavras que esta contém, mais o sentido estrutural contido nos mecanismos gramaticais que estabelecem a sua ligação. Ora, se o significado lexical das palavras se encontra nos dicionários, o sentido estrutural que resulta da sua articulação sintáctica e estilística encontra-se no próprio texto. E nenhuma forma de expressão se torna em pleno inteligível sem a conjugação harmoniosa desses dois tipos de sentido. Mesmo no seio de uma língua, como a grega, em que há mais liberdade sintáctica, em que a ordem das palavras tem um papel aparentemente secundário.<sup>(3)</sup>

## II – Importância do aspecto verbal na determinação do sentido

Se é verdade que, na língua grega, nenhum elemento é mais importante do que o verbo, não será talvez menos verdade que nenhuma das suas componentes morfológicas é mais engenhosa e confusamente interpretada do que o tempo e aspecto verbal. Não tanto pela diversidade e complexidade das suas formas, mas

sobretudo pela riqueza e variedade dos seus conteúdos. Nomeadamente o aspecto lexical, mediante cujos valores de base<sup>(4)</sup> se manifesta um sem número de matizes fundamentais de conteúdo semântico e psicológico. Por isso, nenhum outro elemento de estudo será tão compensador, especialmente quando se lhe dá a necessária atenção e de raiz se enfatiza a natureza dinâmica dos seus múltiplos matizes e funções.

Foi, na verdade, em grego que a noção de tempo/aspecto aparentemente mais se desenvolveu, e é nesta língua que ela se nos apresenta com a maior e mais diversificada riqueza de sentidos e aplicações. Tão grande que uma interpretação defeituosa do verbo poderá muito bem pôr em causa a recta compreensão do sentido expresso. Quando, por exemplo, se ensina ao aluno a equivalência do *aoristo* ao nosso pretérito perfeito simples, é óbvio que ele vai descobrir algumas semanas mais tarde que assim não é, que o imperativo grego tanto pode ter uma forma de aoristo como de presente. E como poderá alguém pedir a uma pessoa hoje que faça uma coisa ontem? A informação certa na hora certa pode evitar muita confusão; na certeza, porém, de que nada há afinal de peculiar nos verbos ou formas verbais que indicam aspecto (o modo como a acção é apresentada), e não tempo (o tempo em que a acção se realiza).<sup>(5)</sup> Simplesmente, a nossa língua depende muito mais do vocabulário e sua ordem do que a grega; pois nela, os matizes de aspecto só raramente são gramaticalizados.<sup>(6)</sup>

É conscientes deste facto que alguns pedagogos e gramáticos enfatizam a necessidade de os seus alunos serem bem cedo sensibilizados para o seu estudo. Hansen e Quinn,<sup>(7)</sup> por exemplo, de harmonia com uma estratégia global que visa apresentar a sua gramática "in such a way as to enable students to grasp whole morphological and syntactical systems as soon as possible",<sup>(8)</sup> apresentam desenvolvidamente o tema do tempo/aspecto, logo na segunda das vinte unidades de estudo que o primeiro volume do seu curso contempla.

Em cerca de uma dezena de artigos sobre sintaxe grega, e sobretudo no seu recente *Essai de syntaxe grecque classique: réflexions et recherches*, Marcel Delaunois<sup>(9)</sup> toma o verbo como um dos seus principais temas de reflexão científica e pedagógica, sublinhando a necessidade de, no seu estudo, se tomarem simultaneamente em consideração as diferenças existentes entre os níveis sintáctico, contextual e semântico. Examina para tanto, e com igual atenção, o impacto do aspecto gramatical de todas as suas componentes morfológicas, sem negligenciar a coloração produzida pelas alternâncias vocálicas e os diversos afixos.<sup>(10)</sup> Mas examina sobretudo, e com cuidado acrescido, uma outra categoria de elementos menos mecânicos e mais subjectivos, de conteúdo mais sintáctico e estilístico, como sejam: o sentido da voz, do modo, do tempo e do aspecto verbal; a influência da pessoa e do número; a natureza do assunto; o estatuto da oração (subordinante ou subordinada); o próprio ambiente do contexto.<sup>(11)</sup> Ousa mesmo contá-los entre os elementos e estruturas linguísticas indispensáveis à leitura dos

autores gregos.

Tanto pela sua função temporal de base,<sup>(12)</sup> como pelo seu aspecto gramatical e lexical,<sup>(13)</sup> como ainda pelo seu enquadramento semântico no micro e macro-contexto, o verbo merece, sem dúvida, e desde a primeira hora, um tratamento muito especial no estudo da língua grega.

### III - Construção rápida de um vocabulário de base

Uma das técnicas mais importantes na aprendizagem de uma língua é, sem dúvida, a da aquisição do seu vocabulário fundamental por facilitar o imediato reconhecimento das palavras que nela mais frequentemente se usam.

Qualquer aluno gasta mais tempo a procurar o significado das palavras no dicionário do que a ler directamente um texto. E todos sabemos quanto isso é moroso e desgastante. Nenhuma tarefa é, pois, tão necessária ao estudante helenista como a de construir o mais rapidamente possível um bom vocabulário de trabalho, com base numa estratégia racional de assimilação.

Educadores há que têm conseguido com êxito familiarizar os seus alunos do primeiro ano com uma percentagem elevada das palavras que mais frequentemente ocorrem num autor ou conjunto de autores. Manuel Gomez,<sup>(14)</sup> por exemplo, mostra que quem apenas aprender o significado das 162 palavras usadas mais de cem vezes no Novo Testamento, pode traduzir cerca de 100.000 das 137.490 ocorrências vocabulares aí registadas. E quem adquirir um vocabulário de apenas 1.063 das suas 5.436 palavras distintas, terá o domínio de todos os vocábulos usados mais de dez vezes nos seus vinte e sete livros.

Clyde Pharr<sup>(15)</sup> demonstra, por seu turno, com base em dois quadros estatísticos compilados por Robbins, que a larga maioria dos verbos encontrados num texto grego se confina afinal a um pequeno grupo de formas. O resultado estatístico das formas verbais encontradas em dez páginas da obra de cada um dos seguintes autores: Homero, Heródoto, Eurípides, Demóstenes e Platão; e vinte na de Xenofonte (dez da *Anábase* e dez dos *Memorabilia*), parece afinal mostrar que umas simples nove ou dez formas verbais cobrem praticamente metade dos verbos ocorridos no texto grego, e que vinte e quatro cobrem três quartos. Entre essas formas, distinguem-se, pela sua elevada frequência, o particípio presente activo, o presente e imperfeito do indicativo em geral, e o infinitivo presente dos verbos em -μι. Razão de sobra para que por essas formas se comece o ensino do verbo, e para que, tão cedo quanto possível, o aluno seja levado a dominá-las, nomeadamente: o indicativo, no presente, imperfeito, aoristo 1<sup>o</sup> e 2<sup>o</sup>, perfeito e futuro; o infinitivo e o particípio, no presente e aoristo; e o conjuntivo, optativo e imperativo, no presente activo. Se lhe acrescentarmos o verbo εἶμι, e algumas formas do φημι, teremos com isso aparentemente vencido 75% das formas verbais encontradas.

A construção lógica de um vocabulário será ainda mais produtiva se combinarmos simples listas de frequência com listas de palavras cognatas. Pois, só esta fórmula habilitará o aluno a memorizar o vocabulário grego com relativa facilidade e de harmonia com o salutar princípio pedagógico de se caminhar do conhecido para o desconhecido, de um vocabulário familiar (palavras derivadas em português) para o não familiar (as palavras gregas).

Muitos são os casos em que uma simples raiz lexical se projecta em dezenas de palavras ligadas ao mesmo núcleo semântico. De sorte que, basta reconhecermos as raízes mais frequentes para ainda mais rapidamente construirmos um sólido vocabulário de trabalho.<sup>(16)</sup>

E veja-se quão simples e eficaz é este método de aprendizagem. Primeiro, socorremo-nos das raízes como auxiliares de memória na formação de palavras. A raiz grega de ακουω, por exemplo, reporta-nos ao português "acústica", que por sua vez ilustra o significado da palavra grega.

Segundo, relacionamos as palavras de som e conteúdo idêntico, em grego e em português. Pois, é reconhecendo a sua base semântica comum que discernimos quase automaticamente o significado da primeira e, por acréscimo, o de todas as que semelhantemente partilham da mesma raiz lexical. À partida, o aluno pode ganhar, sem grande esforço de memória, um vocabulário de algumas boas centenas de palavras. Basta que, para tanto, agrupe e identifique aquelas que em português são mera transliteração do grego, e que em seguida dê atenção a todas as demais abrangidas por cada um desses núcleos semânticos.

Depois, damos especial atenção ao modo como cada prefixo e sufixo afecta o significado de uma raiz, uma vez que a língua grega constrói e expande o seu vocabulário em função de padrões regulares de derivação e composição. E por fim, memorizamos gradual, mas persistentemente o vocabulário básico relativamente a cada família de palavras, a começar pelas de maior frequência.

A testemunhar a maneira prática como por esta via se pode expandir em grego o nosso vocabulário, tomemos o exemplo das palavras formadas a partir do radical δικ-.

(1) Mais de quinze palavras de formação simples, entre as quais:

δικη	- justiça, punição	δικασμός	- julgamento
δικαστής	- juiz	δικάσιμος	- judicial
δικαιοσύνη	- justiça, rectidão	δικαίω	- declaro justo
δικαίωμα	- acção justa	δικανικός	- judicial
δικαιωσις	- justificação	δικαιοκρισία	- julgamento justo
δίκαιος	- justo, recto	δικαίως	- justamente

(2) Várias outras, pela mera adição do chamado alfa privativo:

ἀδικέω	- sou injusto	ἀδικοκρίτης	- um juiz injusto
ἀδικήμα	- injustiça, crime	ἀδικός	- injusto
ἀδικία	- injustiça	ἀδίκως	- injustamente

(3) Palavras compostas de preposição, como:

ἀντίδικος	- adversário	ἐκδικέω	- eu puno, vingo-me
ἀντιδικέω	- defendo-me em justiça	ἐκδικησις	- punição
καταδικάζω	- condeno	ἐκδικός	- vingador
καταδικη	- condenação, pena	προσδικάζω	- processar
ἐνδικός	- justo, equitativo	ἐνδίκως	- justamente

Se a simples memorização mecânica se não recomenda como método, o mesmo se não poderá dizer da memorização estratégica que secunda a articulação destas várias técnicas de aquisição vocabular, e se funda na compreensão do significado básico dos morfemas lexicais. Método que afinal é verdadeiramente encorajador, uma vez que, como observa A.T. Robertson,<sup>(17)</sup> o número de raízes gregas não ultrapassa as quatrocentas, num vocabulário global que ronda as noventa mil palavras.

### Conclusão

Este conjunto de sugestões assenta na convicção de que só há uma maneira eficaz de aprender a língua grega a sério: captando bem as suas estruturas morfológicas e sintácticas fundamentais, e habituando-nos a ler profusamente em grego desde tão cedo quanto possível.

Como assevera J.B. Hainsworth, "language, as described in grammars, is a convenient fiction".<sup>(18)</sup> Por melhor e mais elucidativa que a gramática seja, ela apenas potencializa a compreensão e articula a aprendizagem de uma língua, como modelo de abordagem e interpretação dos seus códigos. Só o convívio directo, dinâmico, persistente e empenhado com ela faz em nós a diferença. Pois, bem o sabemos por experiência, um bom conhecimento de gramática não garante por si o domínio de uma língua, e nem sempre o aluno mais conhecedor das regras é o melhor leitor ou tradutor de um texto.

### NOTAS

- (1) Palavras que assinalam estruturas, mas são vazias de conteúdo lexical como, por exemplo: (1) Palavras de função, como o artigo, as conjunções e demais partículas, que assinalam classes de palavras e estruturas frásicas; (2) Variáveis morfológicas de flexão, como as desinências nominais e verbais, que assinalam género, número, tempo, pessoa; (3) Formas de derivação;

- (4) Ordem de palavras, etc. Cf. Robert W. FUNK, *A Beginning-Intermediate Grammar of Hellenistic Greek*. 3 vols. (Missoula, MO: Scholars Press, 1973) p. 2.
- (2) "Tendo Prometeu formado o homem da água e do pó da terra, deu-lhe também o fogo, que escondera num caule de funcho sem o conhecimento de Zeus. Quando, porém, Zeus tomou disso conhecimento, ordenou a Hefesto que cravasse o seu corpo no monte do Cáucaso, o monte Cítico. E tendo sido nele cravado, Prometeu aí permaneceu agrilhado durante muitos anos. Todos os dias uma águia voava em direcção a ele e lhe devorava os lóbulos do fígado, mas este voltava a crescer durante a noite. Assim cumpriu Prometeu esta pena pelo fogo roubado, até que Hércules mais tarde o libertou, como a seguir mostraremos na sua história" (Apolodoro, "A História de Prometeu", *Bibliotheca* 1.7.1).
- (3) Se em português morfologia e sintaxe se conjugam para produzir sentido, sendo para isso determinante a ordem das palavras, em grego o elemento mais importante para a determinação do sentido é, de facto, a estrutura morfológica. Mas, a ordem das palavras nem por isso deixa de ser significativa. Ela fica praticamente livre para, com uma série de variações a partir da ordem neutra, exprimir a ênfase, o contraste, o equilíbrio, a variedade, o efeito retórico, a liberdade poética.
- (4) Aspectos linear-durativo, perfectivo-resultativo e indeterminado-pontual.
- (5) Uma vez que o aspecto verbal se não liberta inteiramente da noção de tempo, será talvez mais correcto fazer distinção entre *tempo aspectual* e *tempo deictico*. Cf. Moisés Silva, *God, Language and Scripture: Reading the Bible in the Light of General Linguistics*. (Academic and Professional Books. Grand Rapids, MI: Zondervan Publishing House, 1990), pp 111-112; John Lyons, *Semantics*, 2 vols. (Cambridge: Cambridge University Press, 1977), vol 2, pp. 677-690; Oesten Dahl, *Tense and Aspect Systems* (Oxford: Blackwell, 1985); B.M. Fanning, *Verbal Aspect in New Testament Greek* (New York/Oxford: Oxford University Press, 1990).
- (6) O grego gramaticaliza, por exemplo, a referência temporal, acrescentando o prefixo ε- (o aumento) ao verbo para exprimir o pretérito. Este é, curiosamente, o único elemento que assinala o tempo passado. De sorte que, pretérito é o imperfeito, o aoristo e o mais-que-perfeito, mas só no modo indicativo. Nos demais modos é o aspecto verbal que impera.
- (7) Hardy Hansen and Gerald M. Quinn, *Greek: An Intensive Course* (New York: Fordham University Press, 1987) pp. 39-60.
- (8) *Ibid*, p. ix.
- (9) *Essai de syntaxe grecque classique: Réflexions et recherches* (Bruxelles: Facultés universitaires Saint-Louis; Leuven: Peeters, 1988) pp. 76-194.
- (10) *Ibid*, p. 76.
- (11) *Ibid*, pp. 77-79.
- (12) De tempo absoluto: passado-presente-futuro, sobretudo nas orações principais; de tempo relativo: anterior-simultâneo-posterior, sobretudo em orações subordinadas por relação ao predicado da oração subordinante.
- (13) Cujos valores semânticos de base são: o durativo (παρατατικός), no presente, imperfeito e futuro imperfeito; o perfectivo-resultativo (συντελικός), no perfeito, mais-que-perfeito e futuro perfeito; o pontual-indeterminado (αοριστός), no aoristo.
- (14) *El Idioma del Nuevo Testamento: Gramática, estilística y Diccionario Estadístico del Griego Bíblico* (Burgos: Ediciones Aldecoa, 1981<sup>3</sup>) pp. 115-116.
- (15) *Homeric Greek: a Book for Beginners*. Revised edition by John Wright. (Norman, Oklahoma: University of Oklahoma Press, 1988) pp. xviii-111.
- (16) Thomas A. Robinson. *Mastering Greek Vocabulary* (Peabody, Massachusetts: Hendrickson, 1991) pp. 1-2.
- (17) *A Grammar of the Greek New Testament in the Light of Historical Research* (Nashville, Tennessee: Broadman Press, 1934) p. 144.
- (18) "The Greek Language and the Historical Dialects." *The Cambridge Ancient History*. (Vol. 3 part 1. Ed. by J. Boardman et al. Cambridge: Cambridge University Press, 1982<sup>2</sup>) p. 856.